

Economia-Brasil Quando 2001 chegar

O compromisso do Governo com uma taxa de crescimento econômico de no mínimo 4% este ano já começa a ser aceito, embora com ressalvas, também por analistas independentes.

Ontem dois deles, um brasileiro, o economista José Roberto Mendonça de Barros, e outro norte-americano, o professor Albert Fishlow, predisseram que a economia do País estará crescendo, no final deste ano, a um ritmo de 4 a 5% (José Roberto) e de até 6%, de acordo com a visão de Fishlow. Ambos advertem, entretanto, que isso não significa que essas serão as taxas médias de expansão do Produto Interno Bruto (PIB), e sim que a trajetória de retomada do crescimento em 2000 irá gradualmente se aproximando desses patamares.

"Estou mais convencido do que nunca de que o crescimento deste ano será modesto", afirma José Roberto, ex-secretário de Política Econômica no primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso. O cenário básico da consultoria dirigida por ele, a MB Associados, "não é pessimista". No final de 2000, acredita ele, se o País não for atingido por nenhuma nova crise externa, a produção interna poderá estar andando a um ritmo superior a 4%. Segundo o economista, o ritmo atual de crescimento deve estar por volta de 1%, o que significa que a atividade produtiva em algum momento precisaria ser acelerada para que seja atingido a média final de 4%. E esse não é, para ele,

um cenário consistente presumível, mesmo quando considerados os argumentos de que a expansão da oferta de crédito será uma das características do ano.

Para Mendonça de Barros, não haverá recuperação significativa da renda salarial este ano

presidente do BNDES, Andrea Calabi, amigo do presidente Fernando Henrique Cardoso, Fishlow arriscou um prognóstico: o PIB pode crescer acima do piso de 4% estimado pelo Governo e pode até atingir 6%, mas apenas nos últimos meses do ano. Ele está falando, por conseguinte, de taxas exuberantes de expansão do produto na ponta do período.

A MB Associados distribuiu ontem para seus clientes um estudo de sete páginas no qual refaz as duas últimas projeções da consultoria sobre o cenário mais provável para o PIB em 2000. A MB mantém o prognóstico de uma retomada gradual, que tenderia a um crescimento médio entre 2% e 3%. José Roberto assinala que mesmo nesse ritmo, no final de 2000 a atividade econômica poderá estar crescendo a uma taxa de 4% a 5%. A primeira projeção da MB apontava em setembro do ano passado para um PIB de 2,4%, número que foi rebaixado um mês

depois para 2,1% e que agora aponta para um crescimento real do PIB de 2,3%.

Na massa de dados com a qual a MB sustenta as suas previsões, José Roberto destaca um ponto que lhe parece essencial: não haverá recuperação significativa da renda salarial este ano, o que se traduz por um mercado de trabalho pouco animado, no qual a tendência dos ganhos do trabalhador é a de, no máximo, repor as perdas com a inflação. Em outros termos, isso significa que não haverá recuperação da oferta de emprego. Ao contrário, o desemprego persistirá como preocupação número um dos brasileiros. "Nesse tipo de cenário", observa o economista, "as pessoas tendem a gastar menos e a pagar dívidas e não a consumir mais".

Os dados da economia real, neste início de ano, mostram que o consumo continua baixo, distante da recuperação que o Governo esperava. O dirigente da MB concorda que a expansão da oferta de crédito ao consumidor compensará as dificuldades de crescimento da massa salarial. José Roberto avalia, porém, que o crescimento do crédito também será gradual. A tendência de estagnação da renda e os juros altos freiam o uso do crédito pelos consumidores. Além disso, acrescenta ele, não se materializou a expectativa de concorrência acirrada entre os bancos de varejo. Segundo o economista, todos eles correm atrás do cliente comprovadamente bom pagador. A expansão do crédito aumentaria a produção se chegassem às pequenas e médias empresas, resume ele, "mas sinceramente não vejo nenhum banco disposto a aumentar o risco da sua carteira nessa área".